

QUEM APRENDE ENSINA AO APRENDER: A POTÊNCIA DA DIALOGICIDADE DE PAULO FREIRE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS PÚBLICAS

Kaylani Dal Medico¹

INTRODUÇÃO

Cabe ao educador e à educadora que detém o sonho da transformação social e da emancipação dos sujeitos, apossar-se da escola para iluminar os oprimidos da escuridão e opressão dos dominantes (Freire; Shor, 2021) que ocultam a realidade pelo currículo feito por *eles*.

Aos educadores e educadoras que são comprometidos(as) e engajados(as) com a libertação das crianças e jovens das escolas públicas, cabe em suas práticas escolares declararem “seu testemunho de respeito pela liberdade, um testemunho a favor da democracia, a virtude de conviver com as diferenças e respeitá-las” (idem, p. 63), estimulando um processo de mobilização dessas pessoas com o poder de conscientização de suas próprias realidades.

É nessa perspectiva teórica que o presente relato de experiência se constitui, resultante de uma práxis² vivenciada dentro do escopo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)³ no subprojeto de Alfabetização/Pedagogia. Uma vivência que surge da sala de aula de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma das escolas concedentes do PIBID no município de Erechim, Rio Grande do Sul, que expressa a **dialogicidade** como um eixo fundamental para o processo de ensino e de aprendizagem na educação formal, exprimindo na própria empiria do cotidiano escolar que é possível aprender ao ensinar e ensinar ao aprender.

A situação em questão ocorreu em um momento de estudos da disciplina de geografia em que as crianças realizavam uma atividade sobre representação e escalas geográficas. Uma delas me pede ajuda (enquanto pibidiana da sala) e ao dialogar sobre possíveis soluções para o problema, a mesma vai ajudar um amigo que também tentava entender utilizando a explicação que dei e a reinventando com suas próprias palavras. É essa experiência que motiva o presente estudo e portanto, será explicada adiante.

As principais referências bibliográficas que norteiam esse estudo e relato são autores e autora mais progressistas que pensam a Educação Popular, pensando que segundo estudos na área de ciências sociais, ao pesquisar não existem neutralidades (Deslandes, 2012), ou seja, a construção do marco teórico é política. Assim, utilizo de base o livro “Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa” (2023), escrito por Paulo Freire, “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor” (2021), escrito por Paulo Freire e Ira Shor, “Por que eles têm medo de Paulo Freire na Escola?” (2022), por Cristiano das Nevès Bodart e Cassiane Da C. Ramos Marchiori.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia – 7ª Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim. E-mail: kaylanidalmedico@hotmail.com

² Relação dialética entre teoria e prática.

³ Meus agradecimentos à agência de fomento e instituição que financia a *Iniciação à minha docência*, a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e aos professores(as) bolsistas e voluntários que organizam com garra a permanência dos e das estudantes por meio da defesa do PIBID nas Licenciaturas da Universidade.

1 METODOLOGIA

O presente resumo é um estudo de caso que segue uma metodologia teórico-empírica, contendo uma abordagem qualitativa com fins exploratórios, pois acredita-se que as pesquisas exploratórias em Educação permitem melhor compreensão dos fenômenos sociais e escolares (Losch; Ferreira, 2023), oferecendo interpretações detalhadas dos fatos e contextos de modo subjetivo.

Ainda mais, quando trabalhos qualitativos se juntam com a teoria e a prática, é possível partir de um pensamento indutivo, ou seja, pensar de um caso em específico para uma regra geral (idem, 2023). Neste caso, podemos analisar o comportamento das crianças observado por mim enquanto pibidiana em sala de aula e tornar isso um conhecimento generalizado, ampliando o repertório e o campo da Educação e contribuindo para o debate sobre a dialogicidade de Paulo Freire na escola.

Em síntese, unirei autores para realizar reflexões e mediações sobre o caso vivenciado em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental da rede estadual pública de Educação do Rio Grande do Sul (15ª Coordenadoria Regional de Educação), adequando à minha ferramenta metodológica que “se preocupa em entender os sujeitos e suas produções e se dedica a interpretar e observar a realidade e os fenômenos ocorridos” (Losch; Ferreira, 2023, p. 6). Sendo assim, foi preciso muita sensibilidade para realizar as observações na escola de campo.

No que se refere ao horizonte de conclusões, ao analisar a situação em que dialoguei com a criança sobre suas dúvidas em relação à atividade de geografia e a primeira reação dela ao ver outro de seus amigos com a mesma pergunta foi explicar detalhadamente pegando a minha como base, pronunciando a sua própria palavra em um sentimento de humildade pelo conhecimento, a criança reconhece que nós (seres humanos) aprendemos em comunhão, ou seja, quem aprende ensina ao aprender por meio da dialogicidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo é o nome de um dos tópicos do capítulo 3 do livro “Pedagogia da Autonomia” (2023), escrito por Paulo Freire, patrono da Educação Brasileira. Paulo Freire ganha esse título não por coincidência, mas por ser um educador que mudou profundamente a Educação em nosso país. Porém, surpreendentemente, Freire é mais reconhecido internacionalmente do que no próprio ventre, pela sua própria nação.

Mesmo que seja um dos autores brasileiros mais citado no mundo, o pensamento freireano é ausente ou completamente nulo nas escolas brasileiras. Esse fato é consumado e explorado por Bodart e Marchiori (2022), no livro *Por que eles têm medo de Paulo Freire na Escola?*

Um título em formato de pergunta instiga e levanta algumas questões sobre ataques à pedagogia freireana, mostrando contra-argumentos. O êxtase do livro que pessoalmente gosto, é o desvendamento desses ataques: “Os ataques a Freire ocorrem também porque o pensamento-prática presente em sua obra é viável, o que pode implicar em mudanças sociais, situação indesejada pelos conservadores” (Bodart; Marchiori, 2022, p. 12). Afinal, que mudanças sociais seriam essas?

Não é de se negar que há um certo *conservadorismo* instalado em nossas escolas. Paulo Freire foi muito corajoso quando colocou-se nas linhas de frente no combate contra o modelo tradicional de escola e educação, diz ele:

“No fundo, diminuo a distância que me separa das condições malvadas em que vivem os explorados, quando, aderindo realmente ao sonho de justiça, luto pela mudança radical do mundo e não apenas espero que ela chegue porque se disse que chegará. Diminuo a distância entre mim e a dureza de vida dos explorados não com discursos raivosos, que só não são ineficazes porque dificultam mais ainda a minha comunicação com os oprimidos. **Com relação a meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a *aprender não importa que saber, o do torneiro ou o do cirurgião, com vistas à mudança do mundo, à superação das estruturas injustas, jamais com vistas a sua imobilização***” (Freire, 2023, p. 135, grifo nosso).

São essas as mudanças sociais tão temidas pelos dominadores que buscam a escuridão das camadas populares, que as colocam em *situações malvadas* de existência. Haveria muito o que comentar do porque estamos como estamos, mas vamos nos limitar ao que aconteceu na vivência do PIBID e como isso se aproxima.

Enquanto educadores e educadoras que se incomodam como as coisas são e não aceitam o dizer fatalista de que “É assim mesmo e não tem mais o que fazer”, chamo atenção para a frase “os ajudo a aprender não importa que saber com vistas à mudança do mundo”.

Em um 5^o ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual pública do Rio Grande do Sul, no município de Erechim, uma das crianças estava com muitas dúvidas sobre como realizar a atividade de geografia. A atividade trabalhava habilidades condizentes à representação e escala geográfica, propondo que as crianças ordenassem os números dos desenhos ilustrados por Mauricio de Souza conforme a escala (da menor área representada para a maior).

A criança me pede uma explicação pois estava confusa, falei — Imagine essa sala. A sala onde estamos se localiza *aonde?* Isso, na escola. A escola fica *aonde?* Fica no centro. O centro fica *aonde*⁴? Na cidade de Erechim. E a Cidade de Erechim? *Isso!* No estado do Rio Grande do Sul — A criança fica feliz e diz que entendeu.

Pois, em questão de alguns minutos, a educadora regente da sala quis corrigir a atividade e havia uma das crianças que não sabia fazer. Pois, aquela criança que eu já havia explicado a atividade foi até seu colega que estava *atrasado*⁵ e começou a falar — Calma, faz o seguinte. Imagina essa sala, ela é maior ou menor que a escola? — E assim ia explicando e o outro ia entendendo.

Dessa maneira, as crianças aprendem ao ensinar e vice-versa, o “diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem” (Freire; Shor, 2021), assim somos mais capazes de transformar a realidade.

Abaixo anexo a imagem ilustrativa da atividade proposta no livro didático:

⁴ Marcas de oralidade.

⁵ A palavra “atrasado” é muito relativa e geralmente não a usamos, pois cada um tem seu tempo de aprendizagem, mas assim coloquei para ilustrar a preocupação da criança.

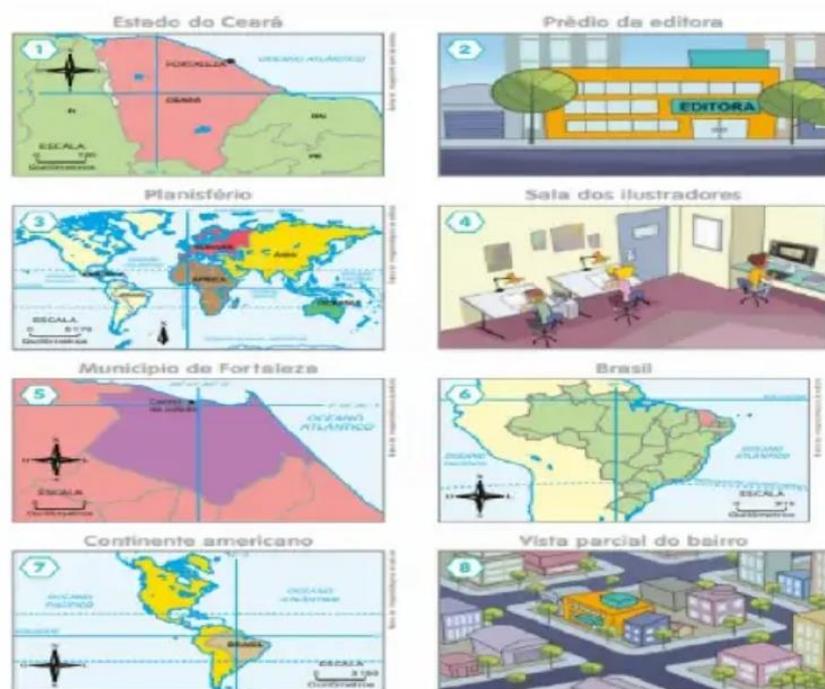


Ilustração 1: Atividade de geografia sobre escala geográfica

Fonte: <https://pt.scribd.com/document/541501326/geografia-e-historia-1-bimestre-5-ano>

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os seres humanos são comunicativos e a dialogicidade é uma característica inerente a todos nós, não podendo ser um privilégio de determinadas classes sociais, pois “O diálogo sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade” (Freire; Shor, 2021, p. 170), seja para ajudar um colega a aprender o que não está conseguindo.

Ensinar exige alegria e esperança, sem a esperança não haveria história (Freire, 2023) nem resistência, muito menos o ensinar e o aprender. Não há boniteza que mais brilhe os olhos ao ver as crianças aprendendo e ensinando em comunhão.

Que seria daquela criança, se a outra que entendeu caísse em um pensamento fatalista “Que fazer? Se não entendeu, não sou eu quem vou explicar”. Mas, com a mesma calma com que expliquei, a criança teve a corporificação das palavras pelo exemplo (Freire, 2023) e com muita humildade intelectual se pôs a ensinar e assim aprendeu.

Se a realidade fosse fatalista, poderíamos cruzar os braços e realizar uma pedagogia na qual o professor é o único detentor do conhecimento e despeja nos estudantes, mas não, reconhecemos suas potencialidades. Como explicariam Freire e Shor:

Se os estudantes veem e ouvem o desprezo, o tédio, a impaciência do professor, aprendem, uma vez mais, que são pessoas que inspiram desgosto e enfado. Se percebem o entusiasmo do professor quando este lida com seus próprios problemas de vida, podem descobrir um interesse subjetivo na aprendizagem crítica (2021, p. 46).

Assim, as crianças descobrem que são capazes de ensinar e aprender juntas.

CONCLUSÃO

Este estudo de caso teve como principal objetivo descrever, analisar e explorar uma vivência de dialogicidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental I na rede pública de ensino baseado no pensamento freireano.

Os resultados evidenciam porque as pessoas têm medo de Paulo Freire na escola, mostrando a capacidade da dialogicidade na transformação social e emancipação dos indivíduos, que compartilhariam de um sentimento de solidariedade e humildade intelectual, mostrando que é possível e necessário aprendermos e ensinarmos uns com os outros.

Claro que, por conta do recorte do estudo, não é possível definir respostas exatas e conclusões fechadas, afinal, sempre há mais informações valiosas, conhecimentos fundamentais e perspectivas amplas a serem levadas em consideração quando se trata do Pensamento Atual Freireano e a prática do PIBID nas escolas. Espero servir como mais uma contribuição para pensar a práxis na educação básica e em defesa desse programa de iniciação à docência que garante minha permanência no ensino superior e de tantos outros e outras colegas.

REFERÊNCIAS

BODART, C. N.; MARCHIORI, C. C. R.; **Por que eles têm medo de Paulo Freire na escola?** Maceió: Café com Sociologia, 2022.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A PESQUISA EXPLORATÓRIA NA ABORDAGEM QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023.